

15-10-2020

O PROFESSOR E A PANDEMIA**Fatima Sueli Neto Ribeiro**

[Doutora em Saúde Pública. Coordenadora do Grupo de Ensino e Pesquisa em Câncer - GEPEC da UERJ/Universidade do Estado do Rio de Janeiro]

O processo de trabalho do trabalhador de ensino no Brasil é reconhecidamente precarizado, injusto, causador de doenças, humilhante e negligenciado pelas políticas públicas, mas também pelos seus próprios pares quando em posição de chefia, e por todas as políticas educacionais.

Durante a pandemia do Covid 19, estes problemas foram agravados pela sucessão de ministros sem compromisso com a qualidade da educação no Brasil.

A nova estratégia de aulas, seja o ensino remoto, seja o ensino à distância, demandou que os professores se preparassem num curtíssimo tempo para atividades com intenso uso de equipamentos de informática e *softwares* inusitados e com linguagens e procedimentos próprios.

Todas as mudanças e seu instrumental de trabalho foram arcadas pelo próprio trabalhador-professor.

Todo o ambiente de trabalho se transferiu para a própria casa, dos insumos necessários como energia elétrica, plano de internet, memória de computador, mesa, cadeiras e iluminação adequada, aos recursos para o desenvolvimento do processo de trabalho, além da adaptação do próprio posto de trabalho. Enfim, a sala de aula foi transferida para a moradia do professor. Nenhuma contrapartida foi viabilizada para subsidiar esta mudança.

Assim, reitera-se a função messiânica do professor no processo ensino/aprendizagem, responsabilizando-o pelo ambiente e condições para desempenhar a função mais sutil da vida humana - a de formar um cidadão crítico e consciente de seus direitos - além de informado com um conjunto de conhecimentos para seguir no plano de ensino curricular da sociedade. Ao lado do profissional de saúde, o professor está sob fogo cruzado por uma pandemia num país sem compromisso com os cidadãos.

Enquanto os profissionais de saúde se expõem ao risco para salvar os enfermos, o professor expõe a casa, a intimidade, a família para salvar o ensino de seus alunos. O empenho de cuidar de filhos, pais ou outros familiares e amigos, tradicionalmente uma tarefa feminina, passou a ocupar o mesmo espaço do trabalho e a tarefa de cuidar do ensino de 30, 40 ou 60 alunos. E isto se deu igualmente do nível fundamental ao superior. Pesquisas mostram que mulheres cientistas publicam menos que homens na pandemia.

Mais do que um trabalho a partir do domicílio, ou *Home Office*, cabe ao professor salvar o ensino a partir de seu próprio esforço. Não se pode esperar outra situação além do adoecimento, potencialização do *burnout*, aumento dos divórcios e consequências inimagináveis para os filhos.

Em alguns estados o governo local adquiriu plataformas com material didático preparado e, naturalmente, equivocado. Delegou ao professor o acompanhamento da auto aprendizagem, através de tarefas postadas em plataformas eletrônicas. Rompendo, assim, as relações entre alunos e dos alunos com o professor - todo sentido do processo educativo -. Nada mais lucrativo para uma sucessão de ministros que se relacionam com o ensino privado, com tradição conservadora e com a necropolítica do governo. Preocupam os reflexos desta etapa.

Inicialmente, a implantação do ensino à distância de forma curricular (que já está sendo testada). Sucedânea à uberização do professor (que já está ocorrendo), a degradação do ensino crítico e particularizado, a exclusão ainda mais intensa de famílias mais pobres, a consagração da internet como grande veículo de formação e informação, a desconfiguração da escola como a conhecemos e todos os reflexos na organização social e familiar.

E, naturalmente, o adoecimento ainda maior dos professores e as perdas de empregos diretos e indiretos de todo o pessoal envolvido com o ensino.

Não é um horizonte pessimista, é um processo que parece já estar se configurando para os 3 níveis de ensino (fundamental, médio e superior).

Não se pode deslocar o profissional professor de suas cargas históricas de significação social, mas tampouco das condições inóspitas com que desenvolve seu trabalho.

O processo de trabalho do professor não se limita ao ensino, tampouco na aprendizagem, isoladamente. Entre esses dois reside o preparo do professor, das aulas e os instrumentos burocráticos que o sistema de ensino demanda.

Ainda que envolto nas piores condições de trabalho, na baixa valorização social e no despreparo ou desinteresse do aluno, o trabalhador do ensino se desdobra para alcançar a aprendizagem do discente como se fora sua única e total responsabilidade e competência. Toma para si o sucesso (eventual) e os muitos fracassos que são inevitáveis.

A construção dessa responsabilização está ligada ao perfil histórico de uma sociedade "machista e preconceituosa com restrições impostas à participação da mulher e cuja violência contra a mulher aumentou no período da pandemia" (Ministra Carmen Lúcia do STF).

Superar esta situação é fundamental nesse momento de Pandemia, para além do momento.

Estamos empenhados em construir uma nova sociedade, com padrões e parâmetros que promovam a inversão de valores e novos pactos para trabalhadores essenciais, a inversão das condições e processos de trabalho do professor é uma das prioridades inegociáveis para os que possuem compromisso com o futuro desta sociedade.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.